

**INVESTIGAÇÃO - EXPERIMENTAÇÃO - CRIAÇÃO**  
EM ARTE - CIÊNCIA - TECNOLOGIA  
DIOGO MARQUES & ANA GAGO (ORGS.)

CIBERTEXTUALIDADES  
COLEÇÃO DE LIVROS

INVESTI  
TI  
GA  
AÇÃO  
EXPERIM  
ENTAÇÃO  
CRIAÇÃO

CIBERTEXTUALIDADES

Coleção de Livros

Publicações Universidade Fernando Pessoa, Porto

<http://cibertextualidades.ufp.edu.pt>

DIRETOR: Rui Torres (Universidade Fernando Pessoa, Porto)

EDITORES: Manuel Portela (Universidade de Coimbra, Portugal), Pedro Barbosa (Professor aposentado, Universidade Fernando Pessoa, Portugal), Pedro Reis (Universidade Fernando Pessoa, Portugal)

COMISSÃO EDITORIAL: Álvaro Seiça (Universidade de Bergen, Noruega), Ana Marques (Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra, Portugal), Claudia Kozak (Universidade de Buenos Aires, Argentina), Daniela Côrtes Maduro (Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra, Portugal), Diogo Marques (Universidade Fernando Pessoa, Portugal), Fernanda Bonacho (Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal), Francisco Marinho (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil), Giovanna Di Rosario (Université Catholique de Louvain, Bélgica), Jorge Luiz Antonio (Investigador independente, Brasil), Luis Carlos Petry (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil), Luís Cláudio Costa Fajardo (Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil), Maria Teresa Vilariño Picos (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha), Otávio Guimarães Tavares (Universidade Federal do Pará, Brasil), Paulo Silva Pereira (Universidade de Coimbra, Portugal), Rodolfo Mata (Universidad Nacional Autónoma de México), Rogério Barbosa da Silva (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil), Sandra Guerreiro Dias (Instituto Politécnico de Beja, Portugal), Sergio Roclaw Basbaum (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil), Vinícius Carvalho Pereira (Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil)

Publicações UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Praça 9 de Abril, 349 / 4249-004 Porto

[edicoes@ufp.pt](mailto:edicoes@ufp.pt) / [www.ufp.pt](http://www.ufp.pt)

ISBN: 978-989-643-163-1

<http://cibertextualidades.ufp.edu.pt>

Este livro contém links para sites operados por terceiros. Estes links são fornecidos apenas para informação complementar e não têm o aval das Publicações UFP em relação ao conteúdo desses websites. As Publicações UFP não têm controlo sobre o conteúdo de qualquer site vinculado e não é responsável por esses sites ou pelo seu conteúdo ou disponibilidade. Clicar nesses links pode permitir que terceiros guardem ou compartilhem dados privados acerca da sua utilização. As Publicações UFP não controlam esses sites e não somos por isso responsáveis pelas suas declarações de privacidade. Todos os endereços de Internet fornecidos neste livro estavam corretos no momento da impressão.

Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.

# **ENTRE O (IN)DIZÍVEL E O (I)NOMINÁVEL: COMO ESCREVER SOBRE INVESTIGAÇÃO CRIATIVA**

DIOGO MARQUES E ANA GAGO



## “Não escrevo para dizer mas para saber.”

Ana Hatherly

Reunindo especialistas de diferentes áreas do conhecimento, com reconhecido currículo científico e/ou artístico a nível nacional e internacional, e propondo como tema inaugural as pontes *multi-inter-trans-disciplinares* entre Arte(s), Ciência(s) e Tecnologia(s), o I Encontro UFP de Estudos sobre Investigação Criativa (março de 2019, Universidade Fernando Pessoa, Porto) constitui o primeiro alicerce do presente volume. O seu mote: *falar de investigação criativa, fazendo investigação criativa*. Daí que, no conjunto de comunicações resultantes desse Encontro, para além do elevado rigor teórico, uma das características mais evidentes tenha consistido na natureza marcadamente autorreflexiva desses questionamentos. Mas, também, o seu valor experimental, termo que, sendo hoje transversal à Ciência e à Arte, posiciona o referido conjunto, tão heterogéneo quanto sincrético, num lugar de vanguarda que acaba por ser representativo de uma série de abordagens ensaísticas verdadeiramente desafiantes do papel da academia, tendo sempre em vista potenciais mudanças no paradigma educacional.<sup>1</sup>

Diziam os antigos praticantes da real arte alquímica que, para encontrar uma potencial Pedra Filosofal, não bastaria trabalhar (*labora*), já que seria igualmente necessária uma componente de oração (*et ora*). Tratando-se, no sentido mais amplo da palavra, de uma prática laboratorial, naturalmente que o caminho mais lógico a surgir desse primeiro Encontro consistiu em dar continuidade à experiência, permitindo, não só, testar métodos e práticas num outro suporte, desta feita, escrito, como ampliar o leque de vozes com algo significativo a *escrever* sobre a matéria. E que melhor laboratório para lhe dar corpo senão a coleção de livros Cibertextualidades, coordenada por Rui Torres, recentemente recriada em formato eletrónico, e que, entre 2006 e 2017, publicou, ainda em formato de revista, oito números dedicados às textualidades eletrónicas e digitais, embora sempre aberta a múltiplos outros questionamentos no eixo arte-ciência-tecnologia?

O produto (não necessariamente definitivo, já que sê-lo invalidaria a sua própria natureza experimental) fica à vista, naquele que é o segundo volume da renovada coleção, reunindo uma multiplicidade de abordagens, tão inovadoras e arrojadas quanto rigorosas e atentas, sobre o tema proposto: Investigação-Experimentação-Criação, em Arte-Ciência-Tecnologia. Para mais, num momento que consideramos crítico no que respeita à reavaliação do papel da Universidade, tanto para lá como para cá dos seus corredores, salas de aula e gabinetes. Assume-se, portanto, desde a sua base, o que a palavra *Universidade* poderá significar enquanto unidade, grupo, conjunto, comunidade, num jogo constante de imbricação entre individual e coletivo, e numa colaboração que também se quis interuniversitária. De igual modo, tratando-se de um Encontro (de ideias, de ações) desde logo nos deparamos com uma daquelas palavras que, por meio de camadas seculares, nos levam hoje a sentidos aparentemente contrários. Nesse aparente paradoxo que o ato de encontrar (re)vela, justifica-se, pois, a sua utilização tanto como modo de significar a ação de chegar à pessoa ou coisa que se procura (de certa forma, uma junção) quanto um embate entre adversários, um choque, colisão, jogo contra alguém ou algo. Por isso, no diálogo, o critério definidor da forma como este volume se apresenta estruturado.

1 O registo videográfico do I Encontro UFP de Estudos sobre Investigação Criativa pode ser acedido a partir da seguinte ligação: <https://www.youtube.com/watch?v=yjob9GRG78s>. Acedido a 04/05/2020.

Conhecedores da longa e acesa discussão entre *mythos* e *logos*, para usar um dos muitos dualismos com que frequentemente se mascaram Arte e Ciência, não podemos deixar de salientar que não é pretensão deste volume (re)inventar a roda. Arriscamos, quando muito, “reinventar a tradição”, para fazer uso da expressão tão cara a Ana Hatherly, a própria investigadora-criadora, no percurso ímpar que veio desenhando ao longo de mais de meio século de experimentação e experimentalismo incessantes. Justifica-se, portanto, a escolha de “A Idade da Escrita” como pedra-de-toque para este volume, poema-ensaio inicialmente publicado na *Revista Colóquio-Letras*, nº 99, em setembro de 1987 (pp. 43-45),<sup>2</sup> com uma segunda versão, cerca de 11 anos depois, no livro homónimo. Para além do valor inestimável que a autora e a sua obra representam no contexto desta publicação (assim como nos percursos de uma boa parte dos seus intervenientes), “A Idade da Escrita” é um texto basilar para o entendimento do universo hatherliano, representando um curto-circuito no diálogo com a tradição literária portuguesa, encabeçada pela figura de “génio original” pessoano. Igualmente ilustrativo da forma como Hatherly cedo veio a revelar-se precursora de experiências artísticas posteriormente levadas a cabo pelas várias gerações da Po.Ex., o “poema-ensaio” pode ainda ser entendido como uma outra forma de “investigação histórica” – atividade que Hatherly desenvolveu ao longo de décadas, por meio da releitura, recombinação e reinvenção de uma renovada poesia (e ciência) reencontrada, a montante, nas tradições de cabalistas e alquimistas. Tratando-se, por fim, de um exemplo de prática artística verdadeiramente modelar, prefigura, também, uma busca, e descoberta, alquímica, por parte da autora, quase sempre em torno de questões que pudessem responder a problemáticas da escrita e da (re)leitura.

Mais do que escrever para saber, Manuel Portela procura *fazer* (investigação criativa) para *escrever* (sobre investigação criativa). Interligado com uma série de ensaios e comunicações que o investigador, performer e professor tem vindo a produzir no contexto universitário, o seu ensaio-performance revela um processo criativo de autorreflexão sobre o que significa ensinar, aprender e produzir conhecimento, ao mesmo tempo que avalia criticamente o papel e relevância da criatividade no contexto académico e a sua relação com práticas de investigação. Trabalhando, por meio da paródia, as componentes de *ludos* e *paidos*, numa aparente ingenuidade socrática, o diálogo repleto de interrogações com que inicia “Texto Anterior, Texto Posterior, Texto Interior” leva-nos, literalmente, ao cerne da questão, para depois desembocar no seu extremo científico, i.e., a resposta.

Organizar uma coleção de ensaios/resenhas “experimentais”, e “impondo” aos autores, logo à partida, o constrangimento de terem que criar um texto de natureza autorreflexiva, tem as suas consequências. Não obstante, uma das vantagens em desbravar caminho sem saber muito bem o que nos espera pela frente, ainda que com a certeza de que algo terá de ficar necessariamente para trás, é a de poder encontrar coincidências felizes. Consideramos que os ensaios de Cristina Sá e de Pedro Alves da Veiga – dois dos oradores convidados e presentes no referido Encontro matricial e que despoletou esta chamada (direcionada) para trabalhos – representam uma dessas coincidências ou “sincronicidades”. Para além de ambos os autores apresentarem, nas suas formações de base, áreas de conhecimento opostas àquelas em que hoje se movimentam, ensinando, investigando, e criando, ainda que diferentes na sua conceptualização, os seus dois ensaios partilham a estruturação a duas colunas (qual Templo de Salomão).

2 Os organizadores agradecem à Dr.ª Ana Marques Gastão e à Dr.ª Teresa Pestana a amabilidade na formalização da autorização para aqui reproduzirmos “A Idade da Escrita (Poema-Ensaio)”.

Com o propósito de emular uma suposta divisão ontológica entre pensamento e ação, razão e emoção, *praxis* e teoria, arte e ciência, Cristina Sá propõe um modelo estruturado de reflexão fenomenológica, dependente, no entanto, de uma série de camadas dialéticas na forma como o “texto outro” e o “outro-texto” (expressões da autora) vão comunicando e oferecendo fundamentação ao argumento. Assente numa justaposição de perspectivas/abordagens, construída com uma maleabilidade quase irónica, isto é, demonstrando, de modo autorreflexivo, a dificuldade em traçar fronteiras entre investigação científica e prática artística, bem como entre fundamentação teórica e aquilo que só a experiência pode trazer, o ensaio de Cristina Sá representa, pois, uma outra forma de entender a transdisciplinaridade que caracteriza uma boa parte do seu percurso pessoal e profissional.

De forma similar, o ensaio de Pedro Veiga coloca em aparente contraponto, ou tensão, duas abordagens e formulações: processo de investigação vs. processo criativo (“criatividade investigada” vs. “investigação criativa”). Fá-lo, no entanto, traçando uma linha (re)definidora e (re)unificadora, que é a do seu próprio trabalho de investigação-criação, neste caso, a série *Principium*. Distinguindo-se pelo cruzamento dos princípios seculares da ilustração anatómica com um conjunto de fundamentos estéticos próprios do domínio da Arte, com vista à exploração de conceitos como vida e morte, consciência e imaterialidade, *Principium* é agora sujeita a uma metódica e rigorosa autópsia, num regresso do autor (“ele-próprio-outro”) ao laboratório iniciático. Trata-se, contudo, de um retorno à criação que representa um corpo vivo em movimento, não só pelo facto de essa (retro)ação ter despoletado uma nova obra entretanto acrescentada à série, mas especialmente pela concepção e teste de uma nova metodologia, passível de ser extrapolada enquanto modelo criativo: a a/r/cografia.

O facto de termos optado, neste segundo volume de *Cibertextualidades*, pelo título *Investigação-Experimentação-Criação*, não significa que estas categorias ou compartimentos sejam estanques. Pelo contrário, a existir um princípio que possa abarcar todos os ensaios aqui reunidos, esse será, certamente, o da fluidez ao longo do eixo proposto. Isto porque, entre outras possíveis razões, enquanto organizadores, não defendendo que as três componentes sejam a mesmíssima coisa, acreditamos, sobretudo, que estes deverão ser suficientemente maleáveis e abertos para que a tão desejada *multi-inter-transdisciplinaridade* possa ter lugar (o mesmo valendo para o segundo eixo proposto no subtítulo: arte-ciência-tecnologia). Daí que, tal como acima referimos, o diálogo tenha sido o critério definidor da presente estrutura, isto é, sem divisões vincadas entre categorias, já que cada um dos textos aqui reproduzidos poderia perfeitamente encaixar em qualquer uma das componentes do referido eixo (ou em várias, por que não?).

Nesse sentido, “A Ciberliteratura (Re)velada” é um dos exemplos mais paradigmáticos dessa dinâmica. Tratando-se de um diálogo colaborativo, com texto e composição visual de Rui Torres a partir de trabalho eletrográfico de César Figueiredo (igualmente autor da imagem de abertura), este texto-manifesto ensaia o futuro da Ciberliteratura, mostrando, de modo paradoxal, o seu presente oficialmente ignorado. Fazendo uso da liberdade e ambiguidade poética e política que o manifesto permite, coloca-se em evidência a natureza auto e, frequentemente, metarreflexiva, da literatura eletrónica – incluindo o conflito na relação com o meio/suporte que esta critica e que, por outro lado, necessita de acompanhar (perante o risco de se tornar obsoleta). Recorrendo a técnicas criativas de vanguarda/experimentais, como a plagiotropia e a ilegibilidade, o ruído ou rasura, os seus autores oferecem-nos uma reflexão

muito bem-humorada sobre potenciais problemáticas no ensino da literatura digital (ou das [im]possibilidades pedagógicas nas práticas interdisciplinares, de um modo geral).<sup>3</sup>

Dos cruzamentos férteis entre disciplinas, não podemos excluir a componente antidisciplinar. Criador e editor da poezine *Debaixo do Bulcão*, há cerca de vinte anos consecutivos, a poesia (mais e menos) visual de António Vitorino é, por excelência, marginal. Não deixa, contudo, de ser menos ensaiada, no que à crítica académica estabelecida diz respeito, como o demonstram as duas sátiras selecionadas. Servindo, de igual modo, de *intermezzo*, ao assinalar o início dos ensaios produzidos de raiz para esta publicação, os poemas visuais de António Vitorino apresentam a particularidade de (con)fundirem auras, discursos e convenções, de forma descomprometida, mas não menos séria.

Por sua vez, em movimento contrário, mas não necessariamente contraditório, a sátira de Bruno Ministro vem do interior do assumido *establishment*. Descrita pelo próprio como “uma metanarrativa patafísica contra as novas autonarrativas metafísicas”, “Posições” dispõe e propõe um registo autobiográfico irónico, mordaz, por meio do qual o autor, com frequência rindo-se de si próprio, e num movimento centrífugo, ensaia um exercício de escrita antiensaística. Num caso sério de (es)batimento de fronteiras, o texto de Bruno Ministro constitui uma autopsicofotocópia naturalmente única, como único é o seu percurso académico e artístico (incluindo as obras inéditas que partilha, em primeira leitura, neste volume).

Ainda que com registos e percursos necessariamente diferentes, os textos de Patrícia Lino e Patrícia Reina são exemplificativos de um modo de pensar a academia por meio de uma das suas mais elevadas instituições, o artigo académico, representando dois modelos alternativos capazes de questionar os limites das convenções ensaísticas, nomeadamente o seu logocentrismo. Patrícia Lino, com um ensaio cuja abordagem deriva *geneticamente* dos estudos literários, evidencia, contudo, mutações benignas na forma que assume de análise (crítica) de/da crítica literária. Sugerindo um modelo de investigação criativa “proto-interdisciplinar” que levanta questões extrapoláveis para a investigação e escrita académica em outras áreas, parte do seu carácter inovador consiste no facto de, nele, ensaio e poema propositadamente se confundirem pela partilha do mesmo código *verbi-voco-visual*. Por sua vez, Patrícia Reina começa por pegar num objeto lúdico de outrora, um *sliding puzzle*, observando-o, descrevendo-o e catalogando-o no agora, como se de um objeto poético/objeto científico se tratasse. Ainda que essa análise seja feita com base num constrangimento muito específico: esboçando um argumento sobre a criatividade e cientificidade nos processos de investigação artística e científica, desta forma emulando, metareflexivamente, a lógica mecânica do objeto estudado (o referido *puzzle* combinatório e jogável).

Assumindo a premissa de que todo o ensaio é, em si mesmo, pela própria definição, experimental, acreditamos, não obstante, que o grau de “experimentalidade” na escrita ensaística pode ser “quantificado” com base na mesma medida referida por Max Bense no momento de distinguir entre Física experimental e Física teórica. Não havendo, claro, escala de proporção que nos possa auxiliar nessa tarefa, caso existisse, não teríamos dúvidas em classificar o texto de Liliana Vasques como “ensaio quântico”. Em termos concretos, trata-se de uma descrição do processo artístico da autora (ao nível

3 De assinalar que, tendo como referência o tempo presente do Ensino em Portugal, e várias das suas idiossincrasias, o presente manifesto decorre de uma comunicação efetuada por Rui Torres na Conferência Internacional “Ensino da Literatura Digital” (Coimbra, julho de 2019), o que implica, desde logo, uma exclusão natural das atuais e eventuais consequências para o Ensino por força da pandemia de Covid-19.

micro e macroscópico), que segue um método científico alterado e adaptado, de modo disruptivo, por via de pensamento divergente (como [não] manda a regra). De tal modo que, para responder à pergunta de investigação que surge quase no final – “posso analisar processos e realidades sociais usando a linguagem e signos linguísticos / dispositivos tecnológicos atuais que integram e medeiam essas realidades sociais / através de técnicas exploratórias e experimentais próprias da literatura experimental?” –, Liliana Vasques propõe que se confundam universos e sistemas – por exemplo, ao sistema da linguagem, neste caso dotado de função poética, justapõe-se um outro, cirúrgico, metódico, neguentrópico, político. É, no entanto, na confluência de diferentes ritmos entre estes dois tensores que se experimenta a ideia central de “*significant other*”, ganhando ali relevo técnicas como *glitch*, arrastamento, entropia, interferência, erro, na comunicação, nas relações, na linguagem.

Outro campo em que os cruzamentos interdisciplinares se têm revelado fundamentais na sua concepção e produção teórica e artística é o campo das artes sonoras. No texto intitulado “Sonificação do liminar”, o artista sonoro Hugo Paquete demonstra as potencialidades e condicionalismos mecânicos inerentes aos processos de sonificação do eletromagnetismo em criação sonora e musical. Adotando um formato próprio da escrita académica e em tudo diferente daquele que utiliza no seu processo criativo ao nível da *performance*, o *paper*, Hugo Paquete faz alinhar a teorização em torno de uma experiência de vanguarda com a experiência em si mesma.

Propondo o neologismo “Sistematurgia” como elemento definidor (não necessariamente definitivo) de uma dramaturgia com base em sistemas computacionais, nomeadamente ao nível da *performance* mecatrónica e instalação robótica, Marcel.Lí Antúnez Roca (ex La Fura dels Baus) opta pelo ensaio gráfico enquanto método de veicular, de forma lúdica e bem-humorada, os princípios teóricos subjacentes a uma prática artística assente na incorporação e transgressão de elementos científicos e tecnológicos que leva a cabo desde os anos 1970. Porém, com a particularidade de nunca ter perdido de vista a componente humana (neste sentido, uma cosmogonia ontologicamente oposta àquela evidenciada pelo transhumanismo de Stelarc).

Mantendo o diálogo com sistemas computacionais por meio da *performance*, ainda que com base numa outra linguagem, Joana Chicau expõe fragmentos/fraturas de uma sua (re)codificação espacial. Posicionando os seus *coreo-graphic coding scripts* entre o pensamento coreográfico e o *design* de interfaces, Joana Chicau levanta questões fenomenológicas ao nível da presença e noções similares, por meio de uma abordagem tendencialmente transdisciplinar e metarreflexiva, por exemplo, ao nível da ubiquidade, transparência e opacidade da interface digital.

Uma outra reflexão sobre a ubiquidade de interfaces digitais e impacto das novas tecnologias no campo das artes é aquela proposta por Gilberto Prado, tomando como exemplo o trabalho desenvolvido pelo Grupo Poéticas Digitais, coletivo brasileiro multidisciplinar de artistas, investigadores e estudantes. Criado em 2002 no Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP, o grupo brasileiro destaca-se por levar a discussão para lá da academia, com frequência, numa “apropriação” do espaço público enquanto espaço expositivo. Não sendo propriamente recente, o projeto ilustrado no texto de Prado, “Ø25 – QUARTO LAGO” (2013), é reflexo de uma abordagem histórica para a criação *in situ* de uma instalação híbrida, revelando o potencial da conjugação entre *media* digitais e espaço físico, nos contextos político, geográfico, social e cultural.

De carácter mais recente, constituindo partes integrantes de uma mesma exposição – *Consciousness Reframed* 2019, com curadoria de Diogo Marques e José Vasco Carvalho, no âmbito da Conferência

internacional homónima (Universidade Católica Portuguesa),<sup>4</sup> – as instalações transdisciplinares, no campo da bioarte e de carácter artista, *See and Be Seen*, de Augusto Zubiaga e Lourdes Cilleruelo, *The Bhiobrid Logic of Degenerative Cultures*, pelo coletivo Cesar & Lois, e *Inhaling Consciousness*, de Clarissa Ribeiro, apresentam ainda a particularidade de se repercutirem pelos ensaios pós-expositivos que as sucedem.

Nas suas instalações móveis, Zubiaga e Cilleruelo exploram, com frequência, as potencialidades dos dispositivos eletrónicos como suporte para a representação de sistemas biológicos. Utilizando materiais recicláveis de baixo custo e caracterizada por uma política de sustentabilidade, por detrás da aparente simplicidade lúdica de um *do it yourself* que a instalação *See and Be Seen* transmite, esconde-se uma complexa rede neuronal capaz de colocar em diálogo equilibrado as componentes estética e pedagógica/didática que a compõem. De certa forma, é esse diálogo equilibrado que a sua resenha expositiva coloca igualmente em evidência.

Quebrando fronteiras entre cultura e natureza, e dando sentido literal à célebre frase de Burroughs – “*language is a virus*” –, *The Bhiobrid Logic of Degenerative Cultures* explora o hibridismo entre inteligências artificiais e biológicas. Constituindo-se como continuidade do processo de investigação-criação levado a cabo na referida instalação por Cesar & Lois (Cesar Baio e Lucy HG Solomon), o texto-organismo concebido e desenvolvido para publicação neste volume dá igualmente sequência ao carácter artista do coletivo, nomeadamente na forma como expõe determinadas interações entre sistemas sociais, tecnológicos e biológicos.

A completar o trio, com um ensaio que representa uma reflexão centrada numa série de instalações que veio produzindo no decorrer da sua investigação-criação em bioarte, encontramos a investigadora e artista transdisciplinar Clarissa Ribeiro. *Inhaling Consciousness* é uma das instalações em que Clarissa se apropria do potencial da bioarte com vista à preservação de um património químico planetário e cosmológico, ao mesmo tempo que fomenta modos de ativar uma consciência ecológica por meio do conceito de *molmedia*. Salientando a relevância de cruzamentos de áreas como a biomédica e a bioarte, o texto de Clarissa Ribeiro representa uma discussão renovada e criativa sobre o tema do Antropoceno e a ideia de consciência ecológica, assim como uma reflexão singular sobre as fronteiras de noções como identidade e personalidade.

No jogo entre o (in)dizível e o (i)nominável, Arte e Ciência aproximam-se (tanto quanto se afastam) enquanto formas complementares de cognição. Como nos lembra a epígrafe inicial a este texto introdutório, nem o saber é exclusivo da ciência nem o dizer é propriedade da arte (naquele caso, literária). Tal como Ana Hatherly, que escrevia para saber, e não somente para dizer, Pedro Barbosa – discípulo de Abraham Moles, com quem terá apreendido as bases cibernéticas para a sintetização de uma teoria, ainda hoje, inovadora, do cibertexto e da ciberliteratura, no Portugal dos anos 1970 – foi pioneiro no que aqui consideramos como práticas de investigação criativa em arte-ciência-tecnologia. Da teoria posta em prática e vice-versa, a atividade sempre questionadora e paradigmática de Pedro Barbosa originou cruzamentos tão singulares e inovadores como, por exemplo, entre Literatura e Física Quântica. Podendo ser encarado como homenagem, o texto republicado neste volume representa um fragmento dessas múltiplas ramificações rizomáticas. Necessariamente datado (1996), mantém-se, porém, a relevância e pertinência da sua leitura, nomeadamente no que diz respeito aos pontos de

4 <http://artes.porto.ucp.pt/en/consciousnessreframed>. Acedido a 04/05/2020.

(des)encontro entre conhecimento estético e conhecimento científico (não esquecendo a função mediadora da Tecnologia). Correspondendo ao capítulo final de *Metamorfoses do Real: arte, imaginário e conhecimento estético*, este texto, também aqui, conclusivo (nesse sentido, um posfácio), assinala, pois, o culminar de um argumento complexo, ainda que espantosamente acessível, que o autor constrói com referência ao carácter paradoxal da Arte enquanto forma de cognição. Investigação-Experimentação-Criação, todas possíveis metamorfoses do Real, sem ordem aparente, e, por isso, circular, sendo o final, afinal, apenas mais um ponto de partida para (re)pensar a articulação entre arte, ciência e tecnologia. Ou, nas palavras de Ana Hatherly: “*Escrevo para compreender. Para apreender. / A escrita revela-me um mundo.*”